

O EMBELEZAMENTO DAS FAZENDAS

G. CORRÊA

(Chefe do Departamento de Horticultura)

I

Como assunto do presente artigo para a nossa revista, quero trazer ao conhecimento dos fazendeiros e de todos os que se interessam pelos problemas agrícolas, uma questão que deverá merecer-lhes especial carinho. Refiro-me ao embelezamento das fazendas. De início quero frisar que este embelezamento é de muita necessidade pela influência decisiva, que terá na reforma da agricultura, constituindo mesmo, em futuro próximo, um meio seguro para se manter, em alto grau, a nossa civilização agrícola.

Dentre as diversas causas que influenciam no despovoamento das zonas rurais, a ausência de conforto e a falta de atrativos do meio rural devem ser mencionadas. Acredito que não sejam elas as únicas causas responsáveis pelo abandono das zonas rurais, porém, a influência das mesmas deve ser evidenciada, mormente quando consideradas as condições atuais de vida dos habitantes de nossas fazendas. O certo é que o fato existe e constitui uma realidade, por isso mesmo, um problema de alta importância que exige dos brasileiros uma urgente solução. Por este ou aquele motivo o despovoamento das zonas rurais do País é muito pronunciado e, na grande maioria dos Estados da Federação, ele se manifesta com a mesma intensidade, quasi sempre, com as mesmas causas responsáveis.

Em todos os países do mundo a população está dividida em dois grupos — a população das cidades ou dos centros urbanos, e a população das fazendas ou dos campos, constituindo esta última a população rural. Nesses comentários interessa-me somente a população dos centros rurais. Não é meu desejo estudar esta população em todas as suas condições, isto é, em suas condições físicas (saúde e higiene), em suas condições econômicas (ganho, gastos, etc.), em suas condições morais (bem estar, tranquilidade, etc.) e em suas condições sociais (reuniões, diversões, palestras úteis, etc.). Não é possível abordar todos esses problemas, e nem desejo tal em virtude da complexidade dos mesmos, porém, de passagem quero deixar claro que essa população rural, na hora que atravessamos, de soerguimento econômico e por

consequente de organização das forças agrícolas, tem absoluta necessidade do nosso auxílio, do nosso estímulo como recursos precisos para encorajá-la na solução de seus múltiplos problemas, todos de grande significação na vida econômica da nacionalidade.

Muitas razões podem ser citadas, justificando a necessidade premente que a população rural tem do nosso apoio, do nosso auxílio. Dentre eles quero destacar, como sendo mais importantes, as seguintes:

1º—O povo do campo constitue a maioria da população do país;

2º—A gente do campo representa, pode-se dizer, o suporte econômico da civilização brasileira, porque a agricultura é ainda a maior fonte de riqueza que temos;

3º—O povo do campo passa, atualmente, a pior vida; o trabalho é mais longo, mais rude e mais penoso. Além disso, o povo do campo tem pouco divertimento; tem pouca oportunidade de aprender qualquer cousa útil; recebe mais tardiamente os efeitos benéficos da civilização;

4º—Por isso mesmo constitue ele uma grande massa de analfabetos, de desanimados, vivendo a vida nas piores condições para existência do ser humano;

5º—Este povo não é preguiçoso, não é vencido, aceita os recursos da civilização, evolue, produz, mormente quando bem orientado e bem dirigido.

Assim, considerando as razões apresentadas, qualquer cousa que se faça em benefício, em auxílio da população rural, constitue obra de grande significação patriótica.

O êxodo não se acha restrito somente ao operário, ao trabalhador braçal, ao mais inculto. Generaliza-se ao pequeno sitiante, ao lavrador, a seus filhos. Estes, quando vem às cidades receberem a instrução, ficam seduzidos pelos prazeres urbanos e abandonam, por completo, as zonas rurais. Este é um fator que muito tem contribuído para manter o povo rural em permanente atraso, pelo seguinte: a) as pessoas moças, cheias de energias abandonam o campo e, depois de receberem a instrução, não se preocupam com o atraso em que vive a sua gente; b) esta perda enfraquece o meio rural em valores humanos, dificultando dessa forma a sua reação. Com as filhas dos fazendeiros o caso é típico e muito comum na maioria das cidades do interior. Quando aquelas se tornam normalistas, dizem adeus às fazendas, emigram para as cidades dando, frequentemente, mais um

para esse tipo de desocupado pejorativamente denominado "marido da professora".

Ora, si esse caso é comum para as filhas dos fazendeiros, que se poderá dizer ou concluir em se tratando de uma dessas muito gentis senhoritas dos centros urbanos transportadas para a fazenda onde, geralmente, o "jardim" é o curral dos bois, lugar pouco aprazível, e onde se acham desordenadamente dispostos muitos montículos, inimigos dos sapatos limpos e ofensivos às meninas delicadas, acostumadas ao perfume dos toucadores? E' evidente que a fazenda, nestas condições, não servirá como recurso de fixação e o que pode resultar, no caso citado, é um verdadeiro ódio à vida das fazendas, pelas moças das cidades e por todos em geral, que vivem nos centros urbanos.

O êxodo, portanto, atinge a todos; atinge aos que premidos pela *necessidade* emigram em busca de melhores dias e também a todos aqueles que, cansados da vida trabalhosa, da *vida pesada* como dizem, emigram, iludidos muitas e muitas vezes pelas falsas recompensas dos centros urbanos. Estes sofrem mais; levam a esperança e trazem a desilusão e, si não a trazem, pior ainda, suportam-na durante o resto da vida, numa degenerescência contínua, com enorme desperdício do valor humano, modificado, aniquilado pelas cousas desagradáveis dos centros urbanos.

Sei perfeitamente, repito, que não se deve considerar a falta de conforto e a de atrativos do meio rural, como sendo as verdadeiras causas determinantes do seu enfraquecimento, pela perda do elemento humano. Existem outras e dentre estas uma se caracteriza pela sua maior importância: *a ausência de lucros nas fazendas*. A terra, pelo processo pelo qual é trabalhada, não recompensa os esforços dos fazendeiros e de seus empregados. O lema é este: planta-se muito e colhe-se pouco. Este fato tem a sua explicação na deficiência dos métodos de trabalhos empregados e aplicados na produção. Esses métodos de trabalho, ainda rotineiros e empíricos, exigem um dispêndio enorme de energias, matando aos poucos o fazendeiro, esgotando-lhe a esperança e implantando-lhe na alma o desânimo e a fraqueza.

Em agricultura, produzir requer a posse de atributos e qualidades especiais. A maioria dos fazendeiros, com os recursos materiais e intelectuais de que dispõem, não se acham aparelhados para exaurir da terra produtos de qualidade por preço reduzido. Em muitos casos a mercadoria é vendida por preços inferiores aos de seu custo. De tudo isso se colhe que diversas causas concorrem para o abandono das zonas rurais; dentre elas a que citei e todas, em conjunto, sa-

crificam enormemente a Nação, pelo enfraquecimento progressivo de suas regiões agrícolas. Aí estão essas grandes questões que, afinal, se reúnem neste grande problema cuja solução nos desafia — qual a de incutir no espírito dessa nossa gente rural, a solidariedade para com o solo, este solo amigo que dará fartura, paz, socego e prosperidade.

A racionalização dos processos de agricultura: melhores métodos de trabalho, organização de horários de trabalhos para os operários, a educação e instrução de seus filhos, melhores habitações, melhor alimentação e melhor higiene, etc., são todas questões importantes que não poderão ficar alheias às atividades dos homens que labutam nas zonas rurais. Dessa maneira, a terra não será improdutiva e recompensará dadiosamente a todos que nela mourejam.

Este trabalho já é uma fase do embelezamento a que me refiro. Aquele é o começo, este é o fim. O primeiro deve fornecer os recursos para o segundo. Aqui, é preciso deixar bem claro: a economia é a base deste embelezamento. E' preciso não imitar a Julio Cesar que, de regresso das Gálias, "como narra Suetônio, na biografia desse insigne capitão, mandára construir em Aricia uma casa de campo, que foi considerada uma das mais belas de Roma. Levantára-a a credito, porque ainda era pobre e vivia individado. Terminada, porém, a construção, fê-la demolir para levantar outra mais suntuosa, sem que tivesse pago a primeira e as suas dívidas, alegando não ter saído aquela rigorosamente a seu gosto". Isto para nós vale como lição preciosa, mormente, quando se considera que gostamos de resolver o problema do luxo antes do problema do lixo. A limpeza dos terreiros, o amontoamento dos detritos, a melhor veste para os operários, etc., etc., são problemas do lixo; o embelezamento, dizem: é problema do luxo. Concordo. Porém, o embelezamento da fazenda não tem luxo que deprime e que desgosta, tem o luxo simples da vida rural, feito somente para suavizar as agruras da mesma, visando com ele grandes benefícios para as populações dos campos. Estas considerações foram feitas, apenas, como advertência, porque a grande sabedoria da experiência em tudo é conservar melhorando e não arrazar para construir. Por isso mesmo, lembro aos interessados esta magnífica oportunidade que todos podem ter, para o início do embelezamento rural. Do embelezamento da propriedade tão necessário para encorajar o fazendeiro, para não lhe deixar afrouxar o seu carinho para com a terra, fazendo com que ele, no correr dos anos, se sinta cada vez mais ligado ao que lhe pertence.

O embelezamento pelo modo, como o entendemos, não

implica no dispêndio de quantia de vulto como muitos querem e pensam. Não implica na construção de jardim suntuoso, hortas com canteiros cercados de tijolos e regos cimentados; pomares, onde possam vegetar as mais exigentes espécies exóticas, etc. O embelezamento que queremos lembrar ao fazendeiro consiste em cercar as habitações com uma vegetação abundante, cuidadosa e caprichosamente cultivada. Consiste na escolha e formação de sítios pitorescos, recantos destinados ao descanso, onde o corpo e o espírito, cansados do labor do dia, possam encontrar na calma solene da natureza amiga, repouso, entusiasmo e coragem para novos e maiores empreendimentos. Consiste em cercar as habitações de uma vegetação disposta em ordem em torno das mesmas: grupos de árvores e arbustos para darem a sombra acolhedora; roseiras, flôres diversas, gramados, enfim tudo ajustado, organizado dentro de certa simetria, para tornar a fazenda mais aprazível. Aquí, é o parque que se estende aos nossos pés com a sua simplicidade encantadora. Alí é a horta na qual se colhem as hortaliças gostosas, para as refeições de todos os dias. Mais além, o pomar com os frutos sazonados numa demonstração viva da força da terra.

A horta, o pomar e o jardim embelezam as habitações rurais e dão mesmo a impressão de que em tudo ha ordem e asseio.

Hortaliças, frutas e flores, eis o conjunto admiravel e útil que venho lembrar aos homens do campo, como sendo a melhor população vegetal para cercar as residências rurais. As primeiras, além do lado ornamental, proporcionam ao organismo um alimento melhor: leve, higienico e vitamínoso. A ciência da alimentação tem evidenciado que os nossos alimentos, além de possuirem quantidades necessárias de proteínas, hidratos de carbono e gorduras, para satisfazerem às exigências do organismo, precisam conter ainda vitaminas e sais minerais. São as hortaliças e as frutas as melhores fontes vegetais de vitaminas e sais minerais.

As flores por sua vez, quer nos lares ricos, quer nos humildes, completam a sua organização: põem um sorriso em cada cousa e em cada coração.